

A FALA DA CRIANÇA COMO INTERPRETAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS TEÓRIAS EM AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

MARIA TERESA GUIMARÃES DE LEMOS

O que será apresentado aqui é um resumo da minha tese de doutorado, defendida em maio passado. O tema é a área dos estudos em aquisição de linguagem, que o trabalho de análise buscou caracterizar, mostrando qual a sua particularidade no discurso científico. É importante dizer que essa particularidade não é algo reconhecido, nem dentro nem fora da área, pois ela pertence à psicolinguística, sendo assim considerada uma área interdisciplinar. Quis mostrar que, no seu percurso, houve a produção de uma questão própria, o que justificaria falar em singularidade. O trabalho também tinha o objetivo de mostrar qual o lugar da hipótese sócio-interacionista de Cláudia Lemos nesse campo, isto é, o modo pelo qual esta hipótese pôde produzir um conceito – o conceito de processo dialógico, processo de especularidade e processo de complementaridade – capaz de abordar a fala da criança pela via dessa questão que foi aberta.

A idéia original havia sido a de discutir a noção de processo dialógico, incorporando à discussão alguns aportes da psicanálise, como a noção de Estádio do Espelho, de Lacan (1977). No entanto, a leitura dos textos sócio-interacionistas fez ver que mais importante do que compreender o efeito estruturante dos processos de especularidade e complementaridade (associando psicanálise e teoria de aquisição), era retomar e fazer avançar – mais ainda – uma questão: a da relação entre os estudos de aquisição de linguagem e a linguística. Isto porque reconhecemos que a formulação do conceito de processo dialógico não respondia propriamente nem a uma questão de desenvolvimento linguístico, nem a uma questão de constituição subjetiva (como estávamos nos arriscando a confundir) mas dava conta, bem especificamente, da descrição linguística da fala da criança, descrição essa em que a teoria linguística teria fracassado, encontrando aí um limite.¹

¹ Lembraremos apenas que os processos de especularidade e complementaridade permitiram descrever a relação gramatical entre o enunciado da criança e o enunciado do adulto, fenômeno que foi descrito como dependência dialógica e, também, sintaxe vertical. Para uma discussão da função desses conceitos, remetemos ao cap. 4 da tese ("A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição em linguagem", tese defendida no IEL, 1994, Unicamp).

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- CLEMENTE, Ir. Elvo & BARBOSA, Eni. **Carlos Santos: uma biografia**. 1994. 126p. Co-edição EDIPUCRS/IEL. A obra registra com precisão histórica a trajetória deste magnificante homem público, desde menino, no estaleiro que lhe temperou a carne; na família, que prezou ao sacrifício; na política, onde brilhou como administrador, legislador e tribuno emérito; em sua religião, enfim. A mesma é abrangente e enfoca, quase à exaustão, a vida deste homem que serviu e deve se constituir em exemplo para as gerações futuras.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE: (051) 339-1511 Ramal: 3323
FAX: (051) 339-1564

Assim, a relação dos estudos de aquisição de linguagem com a lingüística – e mais especificamente a **questão da descrição lingüística da fala da criança** – assumiu o primeiro plano do trabalho. Voltamos a Saussure e Chomsky para apreender os fundamentos da lingüística como ciência e compreender sob que condições a lingüística realizava seu objetivo – distinguindo a ordem lingüística de tudo aquilo com que ela parecia se confundir, reconhecendo aí um Real a ser abordado por uma escrita científica. A condição para a realização da Língua como objeto é a separação entre ordem da língua e subjetividade. Isto é bastante evidente, num certo nível, pois é preciso reconhecer a materialidade da língua como essencialmente distinta de uma ordem psicológica, de representação, pois trata-se de um Real. No entanto, resta uma dificuldade fundamental, pois esse sujeito, que a lingüística rejeita para constituir seu objeto, ela pode o reencontrar onde menos espera: não na representação – isto é, na ordem da significação – mas justamente na sua dimensão mais material, mais significativa, pois trata-se então do sujeito do inconsciente (por exemplo, no chiste e no lapso). É nesse ponto que a existência da psicanálise, como mostrou Milner (1987), tem implicações para a lingüística.

Enfim, voltando assim para trás descobrimos também que os estudos em aquisição de linguagem tinham uma história. Uma história a ser contada, pois além do fato de que a área não é marcada por uma reflexão histórica, o que existe de produção nesse sentido é apenas uma história "oficial" que pouca atenção dá ao que ela tem de traumático. Traumática, desconhecida, recalçada... contar essa história tornou-se um desejo e uma necessidade. O eixo que orientou toda a construção dessa história, e que verdadeiramente a tornou possível, foi a elaboração de dois autores: Michel Pêcheux e Jean Claude Milner, em dois textos fundamentais: o artigo "Sobre a Desconstrução das teorias lingüísticas", de Michel Pêcheux (Pêcheux, 1982) e o livro "O amor da Língua", de Jean Claude Milner (1987).

A história dos estudos em aquisição de linguagem mostra que a relação com a lingüística sempre foi ambígua, paradoxal... Isto desde o início, desde a fundação da psicolingüística, nos anos 50. A psicolingüística foi criada, numa mesa de seminário, por um grupo de psicólogos e lingüistas (cf. Osgood e Sebeok, 1954). Esse momento – extremamente significativo – da criação da psicolingüística como disciplina é pouquíssimo comentado, com a exceção de Eleonora Albano que destacou esse fato em seu texto "O psicolingüista ressurreto" (Maia, 1985).

A que se deve essa criação? A psicolingüística foi criada para responder a uma demanda: a exigência de introduzir na psicologia (na psicologia positivista americana) a lingüística estrutural como instrumento de análise do comportamento. O fato é que tentava-se incluir a lingüística sem se dar conta de que, com isso, se introduzia uma dimensão incompatível com o caráter empirista dos fundamentos da psicologia.

A ambigüidade não foi dissolvida quando, no momento imediatamente posterior, a gramática gerativa de Chomsky seduziu os psicolingüistas, que abandonaram em massa o behaviourismo por uma teoria racionalista e francamente inatista. Esse movimento foi chamado por alguns autores, como Judith Greene, de "conversão imediata" (Greene, 1980). Resumindo enormemente a virada que se produziu nesse momento, podemos dizer que se passou de uma demanda A lingüística (isto é, demanda de um saber que pudesse dar conta dos efeitos de haver linguagem para o sujeito psicológico) para uma suposição de demanda da lingüística. Mantendo-se no desconhecimento de sua própria questão (a da relação sujeito-linguagem), o psicolingüista acreditou que agora era o outro que lhe dirigia uma demanda: isto é Chomsky. Essa demanda era a de escrever a gramática da criança.

Os psicolingüistas encontraram algum apoio para supor essa demanda num texto importante de Chomsky – "Aspects of the theory of syntax", (Chomsky, 1965) – em que este dizia ser possível construir um modelo de aquisição de linguagem, isto é, definir a teoria lingüística que especifica a forma de uma língua humana possível e que permite à criança "formular" a teoria específica de sua língua particular. Para Chomsky, alcançar o nível dessa teoria lingüística universal que habilita a criança ao aprendizado da língua materna seria alcançar o nível mais elevado de adequação de uma teoria lingüística.

Essas formulações, no que faziam menção à aquisição de linguagem e a situavam numa função elevada na teoria, pareciam incentivar uma incursão intensiva na pesquisa em aquisição. Nesse momento, ao contrário do anterior, houve uma produção intensa e a área chegou a conquistar uma certa autonomia em relação aos outros estudos da psicolingüística. A meta era analisar os corpora de crianças de diferentes línguas para, a partir daí, confirmar os universais lingüísticos que foram formulados na teoria.

Mas o entusiasmo durou pouco tempo e não era para menos. Todo esse investimento "convertido" era efeito de um equívoco, mais especificamente de uma leitura ingênua e parcial do texto Chomskiano, pois nele a criança tinha um estatuto simbólico – isto é, contava como lugar na lógica interna da teoria – e nada tinha a ver com a criança real cujas produções os psicolingüistas analisavam. O próprio Chomsky teve uma atitude sempre ambígua em relação a esses trabalhos, não os desautorizando, nem os endossando explicitamente, mas chegou a afirmar que a análise de dados de fala era inútil à teoria (Chomsky, 1964).

Desse modo, a aquisição de linguagem foi o lugar em que a ambigüidade da relação entre psicolingüística e a lingüística se manifestou na sua qualidade de sintoma: os psicolingüistas acreditavam estar servindo à Chomsky, no entanto, ignoravam a essência de sua teoria, que tinha um caráter lógico-dedutivo e onde a fala não podia contar como dado empírico.

Assim tentava-se fazer complemento à lingüística, ao mesmo tempo em que era negada a Alteridade desta.

Mas que sintoma era este? E sintoma de que? E ainda, porque depois do fracasso dessa tentativa de fazer complemento à lingüística – pois as pesquisas não encontraram as regularidades sintáticas que confirmariam os universais lingüísticos – porque então os psicilingüistas abandonaram Chomsky e mantiveram-se fiéis à análise da fala?

Porque essa insistência em fazer da fala da criança um objeto empírico, sendo que se trata de um objeto que pouco (ou nada) interessa à lingüística e que é, na sua essência, estranho à psicologia?

Para responder a essas questões é necessário introduzir a elaboração desenvolvida por Pêcheux no texto "Sobre a desconstrução das teorias lingüísticas". Nele, Pêcheux se alinha a Benveniste no reconhecimento de uma dívida simbólica com Saussure – na medida em que é este nome que escreve o Real na língua da ciência – mas Pêcheux também – e aqui ele não está mais com Benveniste mas sim com Jean Claude Milner – reconhece que esta dívida tem uma natureza problemática pois o Real da língua – condição mesma da lingüística como ciência – é justamente aquilo que é sistematicamente recoberto por instâncias biológicas e/ou funcionais na própria lingüística. Pêcheux mostra que é nesse ponto, onde vem se inscrever o real da língua sob a forma de uma presença assimetrizável, quando a materialidade da língua atravessa, ultrapassa a significação (ponto que o próprio Pêcheux chama de "castração simbólica", retomando um conceito de Lacan), é nesse ponto que a lingüística não pode deixar de convocar outros discursos (biológico, sociologista, psicológico), que ela, no entanto, confundirá com o seu próprio. O fundamental, entretanto, é reconhecer que essa condição, do lingüista, é estrutural, sobredeterminada, não dependendo de suas posições teóricas.

Ao final do artigo, Pêcheux evoca a imagem do corpo para falar da Língua, que define como "um corpo atravessado por falhas, submetido à irrupção interna da falta". Isso coloca a impossibilidade de uma escrita completa e Una, mas não apenas isso. Esta é uma implicação negativa (no sentido matemático do termo) do Real da língua: a impossibilidade de realizar uma exigência Ideal da ciência (isto é, a de produzir proposições universalizáveis sobre a Língua) mas há também uma implicação de natureza positiva que é menos percebida: essa emergência imprevisível da falta é a emergência do Desejo, daí trata-se, no texto de Pêcheux, de uma referência ao corpo pulsional e não ao corpo biológico para falar da língua.

A psicanálise é convocada assim, pois a inclusão do Desejo – e, portanto, da ordem do inconsciente e da "alíngua" (outro conceito introduzido por Lacan) – é também a possibilidade de esclarecer qual é a posição que Pêcheux quer sustentar nesse artigo: não se trata apenas de uma posição teórica, mas ética. Ou melhor dizendo, ela é teórica na medida mesma em

que é ética, pois é o submetimento à esse real que torna possível a construção da teoria, enquanto que o seu recobrimento com instâncias outras é o que ele aponta como a tendência à desconstrução. É a psicanálise, como mostra Milner, autor citado por Pêcheux no final do texto, que reconheceu nesse real a causa de um desejo – o desejo do lingüista –, o que permite qualificar essa posição como ética, pois trata-se, na psicanálise, de uma ética do desejo. Isto é, se se trata de não ceder em relação a esse desejo (do lingüista) então trata-se de não ceder em relação ao que o causa, não recobrimo-o com instâncias funcionais ou biológicas, não aceitando que a língua seja reduzida ao imaginário.

Assim, mesmo que a condição da língua como objeto da lingüística seja a exclusão do sujeito, isto não é totalmente possível., pois, como dissemos, há efeitos para a lingüística de haver inconsciente e esta é uma condição estrutural.

De que modo isso teria, então, a ver com a área de aquisição de linguagem e seu sintoma?

Como se sabe, o resultado do projeto de escrever a fala da criança foi um fracasso: não foi possível encontrar as regularidades sintáticas que eram esperadas. Os psicolingüistas, mais fiéis a sua herança empirista do que a Chomsky, escolheram dar "razão" aos dados e abandonaram a gramática gerativa. Entretanto, o sentido dessa "opção" pelo dado não será apenas este, sintomático, mas ele também vai se manifestar como a manutenção de um compromisso com a fala da criança, com a análise da fala. O efeito dessa insistência será uma problematização da relação com a lingüística.

Afirma-se que, depois do fracasso em encontrar regularidades sintáticas, a aposta continuou porque se encontrou um outro tipo de regularidade, as semânticas, e que essas foram explicadas não mais pela "competência" chomskiana mas pelo desenvolvimento cognitivo (com inspirações piagetianas). Para entender essa virada – de uma suposição de saber na lingüística para uma suposição de saber na criança – é fundamental considerar a importância de alguns personagens nessa história, como Roger Brown, que na mesma época sustentou uma posição diferente dos psicolingüistas convertidos, esses que apenas visavam a confirmação das hipóteses produzidas por Chomsky. Infelizmente não poderemos abordar isso aqui.²

Que essas regularidades fossem semânticas e, mais ainda, reveladoras de um conhecimento pré-lingüístico é algo que já foi devidamente questionado (ver De Lemos e Castro Campos, 1978), mas o fato é que alguma coisa foi tocada por essa análise. Não se pôde deixar de constatar uma sistematicidade na análise dessa fala, mas essa sistematicidade resis-

² Remetemos o leitor ao cap. 3 da tese, onde este ponto é desenvolvido.

tia a ser escrita em Um sistema. Além disso, algumas estruturas – como no caso de um erro sintomático ou de um cruzamento imprevisível de mecanismos gramaticais que produzem uma estrutura "estranhamente familiar" à língua do adulto – fizeram com que fosse interrogada a própria possibilidade de descrição dessas estruturas (ver, por exemplo, Bowerman, in Kessel, 1982).

Mais uma vez, quero sublinhar que essa interrogação não era tanto uma questão de desenvolvimento mas de análise lingüística propriamente dita.

A fala da criança – enquanto objeto de análise lingüística – revelou uma sistematicidade incapaz de configurar Um sistema, mas ainda assim reveladora da sobredeterminação, da rede articulada da língua materna. Nesse sentido, o fracasso não foi absoluto e os psicolingüistas deram testemunho de que havia ali um saber a ser aprendido, ainda que impossível de apreender pelas categorias da lingüística.

Essa sistematicidade fugidia é o que, dessa experiência, constitui como saldo um real. Real da língua: a presença irredutível da sobredeterminação, a impossibilidade do significante ser idêntico a si mesmo, isto é, ser Uno. A fala da criança – enquanto objeto da análise lingüística – comporta, assim, um enigma sobre a língua e pode-se dizer que ela tem relação com a ordem do inconsciente pois nela o recalque da sobredeterminação (para a formação de Uma significação) parece ser mais precário, deixando à tona os processos metafóricos e metonímicos, que são a lei do significante.

Assim, o Real que causa a elaboração teórica no campo da aquisição não é a fala da criança – que na maioria das vezes é apenas imaginarizada pelo investigador – mas aquilo que ela dá a ver da materialidade da língua. Para produzir uma elaboração teórica dentro desse compromisso, entretanto, a relação com a lingüística é necessária: ela é o Instrumento dessa análise (ainda que um instrumento a ser re-significado neste campo), sem o qual nada dessa materialidade poderia advir. Nesse sentido, recusar a lingüística como instrumento, em nome de uma suposta autonomia, como se quis muitas vezes, é ceder em relação a essa via ética sustentada por Pêcheux.

É a partir desse ponto que se pode falar de uma singularidade da área, de sua diferença: é o submetimento à fala da criança, a necessidade de transformar essa fala em dado empírico. Só podemos falar desse submetimento – enquanto uma exigência que têm um caráter puramente simbólico, fundante de um novo lugar de enunciação – a partir de um terceiro momento, depois do fracasso em fazer complemento à lingüística. Esse terceiro momento não é necessariamente o momento cronológico que se seguiu ao fracasso da psicolingüística convertida, mas aquele em que a fala da criança passa a ter função de enigma.

Nesse momento, a fala da criança revela-se uma estrutura capaz de interpretar o psicolingüista, interpretar no sentido psicanalítico do termo. Isto é, destacar uma estrutura significante capaz de interrogar uma significação já constituída, atualizando a divisão do sujeito e levando-o, assim, a produzir um novo sentido para aquilo ao qual estava alienado. A fala da criança enquanto estrutura "estranhamente familiar" divide o psicolingüista, separando real e saber, colocando em perda a unidade da língua por ser nela incluído como sujeito a advir. Por isso, não é a criança que é o sujeito dessa fala, mas o psicolingüista: é ele que, por essa estrutura, é convocado como sujeito a advir. E finalmente, como mostra Pêcheux em seu texto, é só assim, pela atualização de uma divisão, que se pode começar a ter uma Outra história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, N. (1964) "Formal Discussion of Miller and Ervin's 'The Development of grammar in child language'". In: Bar-Adon, A. & Leopold, W. F. (ed.) (1971) *Child Language: a book of readings*. (340-343). New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- GREENE, J. (1980) *Psicolingüística: Chomsky e a psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- KESSEL, T. (org.) (1982) *The Development of Language and Language Researchers: Essays in the Honor of Roger Brown*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- LACAN, J. (1977) "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como ela nos é revelada na experiência analítica". In: *O sujeito, o corpo e a letra*. Lisboa: Editora Arcádia.
- De LEMOS, C. T. G. & DE CASTRO CAMPOS, M. F. (1978) "Algumas observações sobre a utilização do modelo piagetiano em recentes estudos de aquisição da linguagem". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1.
- MAIA, E. A. da Motta (1985) "O psicolingüista ressureto". *Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba*.
- MILNER, J. C. (1987) *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- OSGOOD, C. E. & SEBEOK, T. A. (1954) *Psycholinguistics: A Survey of Theory and Research Problems*. Baltimore: Waverly Press, Inc.
- PÊCHEUX, M. (1982) "Sur la (dé) construction des théories linguistiques." *DRLAV* n. 27, p. 1-24.